



## O amor incondicional como base para uma sociedade inclusiva

Unconditional love as a basis for an inclusive society

Maria Cristina S. Furtado<sup>1</sup>

### Resumo

A violência contra a mulher e @<sup>2</sup> homossexual permanece em níveis altíssimos na sociedade ocidental. Violência que, na maioria das vezes, ainda utiliza como justificativa o discurso das igrejas cristãs que, por séculos, juntamente com o Estado, colocou a mulher e @ homossexual em inferioridade na sociedade, e mesmo na contemporaneidade, continua a enviar mensagens de restrição a ambos. Este artigo faz uma análise da posição da mulher e d@ homossexual na atualidade, e traz a visão teológica de Luis Carlos Susin sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas em relação à ‘alteridade’. Pretende mostrar que o ‘preconceito’ e a ‘discriminação’, importantes causas de ‘violência’ à mulher e ao homossexual, têm sua motivação, principalmente, na dificuldade do ‘ser’ em aceitar o ‘outro’, diferente de si mesmo. Dificuldade que só poderá ser ultrapassada pela ‘ética da alteridade’, através da implementação de uma evangelização cristã baseada no ‘amor incondicional de Deus’. Uma evangelização - experiencial – educativa que objetive transformar a sociedade excludente na qual vivemos, em uma sociedade inclusiva e justa.

**Palavras-chaves:** Violência. Preconceito. Discriminação. Amor incondicional. Inclusão.

### Abstract

*Violence against women and homosexuals remain at very high levels in Western society. Violence that, mostly, still uses as a justification the Christian churches opinion spouted for centuries, along with the State that put women and homosexuals in an inferior position, and even nowadays, continues to send restrictive messages to both. This article analyses the current position of women and homosexuals, and brings the theological vision of Luis Carlos Susin on Emmanuel Lévinas’ thoughts in relation to ‘alterity’. The intention is to show that ‘prejudice’ and ‘discrimination’, important causes for the ‘violence’ against women and homosexuals, are motivated, mainly, in the difficulty of the ‘being’ in accepting the ‘other’, different from oneself. This difficulty will only be overcome by ‘alterity ethics’, through the implementation of Christian evangelization, based on the ‘Unconditional Love of God’. This educational evangelization- experience based– that aims at transforming this excluding society in which we live, into an inclusive and just society.*

**Keywords:** *Violence. Prejudice. Discrimination. Unconditional Love. Inclusion.*

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela PUC-Rio. Psicóloga. Professora do Curso de Diversidade sexual, Cidadania e Fé cristã do Centro Loyola de Fé e cultura da PUC-Rio, e do Curso de Iniciação teológica por tutoria a distância da PUC-Rio. Faz parte do grupo de pesquisa Diversidade sexual, cidadania e religião da PUC-Rio, coordenado pelo Prof. Dr. Pe. Luis Correia Lima, realizando atendimento psicoteológico à população LGBT e suas famílias. E-mail: mcristinafurtado@hotmail.com

<sup>2</sup> Este sinal será usado quando nos referirmos ao gênero masculino e feminino.

## Introdução

Na atualidade, nas igrejas cristãs batista, metodista, e anglicana, entre outras, a mulher atua, com grande competência, nos ministérios principais, e até no bispado. Porém, outras igrejas cristãs, apesar de valorizarem a mulher em seus discursos, ainda não lhe permitem ocupar os ministérios principais e os cargos decisórios. Posicionamento que chega à sociedade como uma visão de incapacidade e inferioridade feminina. Também no trabalho, a mulher conquista o mundo, atingindo altos postos até no governo, chegando, em diversos países, como no Brasil, a Presidência da República. No entanto, na hora dos salários, a mulher ainda costuma receber um salário menor que o do homem, como se o seu trabalho tivesse menos valor. Finalmente, na própria casa, embora já existam leis<sup>3</sup> que protejam a mulher, muitos maridos continuam a vê-la, como sua propriedade; um ser que lhe deve obediência. Quando a mulher resiste a sua dominação, com frequência, sofre todo tipo de violência, chegando, muitas vezes, a ser assassinada. A menina, de modo geral, é vista como objeto sexual, e tem sido em grande escala objeto de pedofilia por pais, avós, padrastos, tios, etc.

Segundo dados do Instituto Patrícia Galvão, “no Brasil, estima-se que, a cada 15 segundos uma mulher é espancada” (SILVA; SILVA; SANTOS, 2009, p. 13). De acordo com o Instituto Zangari “entre 1997 e 2007, 10 mulheres foram mortas por dia no Brasil” (MANSO, 2010). O que mais impressiona diante desses dados, é que mesmo após a importante lei Maria da Penha<sup>4</sup>, a violência continua, e de acordo com a Organização Mundial da Saúde, “quase metade das mulheres assassinadas é morta pelo marido ou namorado atual ou ex”. (SILVA; SILVA; SANTOS, op. cit., p. 13).

O homossexual, no séc. XX, a partir dos anos 70, começou a ser visibilizado e a se organizar em movimentos em favor de seus direitos. Esta nova postura fez com que a homossexualidade passasse a ser revista em seus múltiplos aspectos. A Bíblia, através da hermenêutica, levou em conta o contexto e o público alvo para os quais se dirigia a condenação dos ‘atos sexuais entre iguais’, e trouxe outra interpretação, na qual a proibição não está ligada ao conceito moral, razão pela qual se critica, hoje, a homossexualidade, mas à idolatria, à infidelidade a Iahweh, e ao sacrifício de crianças nos ritos pagãos. A Associação Americana de Psiquiatria (APA), após reler estudos e provas, sem encontrar nada que revelasse que a homossexualidade se enquadrasse nos critérios utilizados na categorização de doenças mentais, em 1975, retirou a homossexualidade do seu Manual de Diagnóstico e

---

<sup>3</sup> Lei Maria da Penha

<sup>4</sup> LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006, Lei Maria da Penha que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Estatística de Distúrbios Mentais (DSM), e a partir daí o Conselho Federal de Medicina do Brasil passou a desconsiderar a homossexualidade como uma doença, e outros conselhos fizeram o mesmo. Em 1993, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o termo ‘homossexualismo’ do Catálogo Internacional de Doenças (CID), e em 1999, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), no Brasil, publicou a portaria 01/99, onde o psicólogo está sujeito à sanção, caso direcione sua prática a uma suposta ‘cura’<sup>5</sup> da homossexualidade.

Favorável a estas novas orientações, nós encontramos, no Brasil, a grande maioria dos profissionais da saúde, parte da sociedade, o Estado, e diversas igrejas cristãs. Dessas igrejas é possível citar, algumas dioceses da Igreja anglicana, as igrejas inclusivas<sup>6</sup>, e alguns grupos dentro das igrejas católica, luterana, etc., que realizam um trabalho de aceitação e inclusão da população LGBT<sup>7</sup>. Grupos que enfrentam uma forte tensão dentro das igrejas, devido a setores mais conservadores, e a voz oficial das próprias igrejas, que ainda não aprovaram as novas interpretações bíblicas, e o parecer das ciências. Dessa forma, embora os governos, nos países ocidentais, venham procurando dar a população LGBT os mesmos direitos da população heterossexual, em alguns países, como no caso, o Brasil, o setor legislativo enfrenta a oposição das bancadas religiosas. Com isso, o que tem chegado à mídia e ao povo é a percepção de que a religião cristã ainda considera os homossexuais, como ‘pecadores, abomináveis, doentes’ e desequilibrados’. Posição que tem sido usada como justificativa por aqueles que, pelo preconceito, discriminam, e procuram impedir que @s homossexuais tenham os mesmos direitos dos heterossexuais<sup>8</sup>, e usem contra esse grupo, até a violência mais forte, como o *bullying*<sup>9</sup> e o assassinato.

---

<sup>5</sup> Não é doença, então é impossível haver cura.

<sup>6</sup> No Rio de Janeiro há a igreja betel, e a igreja contemporânea.

<sup>7</sup> Lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, transgênero. É importante citar como exemplo, o Núcleo de Estudos de Gênero da EST de São Leopoldo, RS que abrange a diversidade sexual em suas pesquisas e congressos; e o grupo de pesquisa Diversidade Sexual, Religião e Cidadania da PUC-Rio, do qual faço parte, coordenado pelo Prof. Dr. Pe. Luis Correia Lima. Este grupo tem expandido seus trabalhos disponibilizando suas pesquisas on-line, realizando eventos acadêmicos, palestras em clínicas e em centros religiosos, orientando famílias e homossexuais, além de proferir o curso Diversidade Sexual, cidadania e fé cristã no Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio.

<sup>8</sup> Decisão do Supremo Tribunal Federal, no dia 5 de maio de 2011, reconhecendo no código civil que os homossexuais têm os mesmos direitos dos heterossexuais. Entretanto, alguns direitos como o de adoção, por exemplo, ainda depende de lei a ser homologada pelo Senado.

<sup>9</sup> Bullying, termo sem equivalência em português, é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, adotada por um ou mais indivíduos contra outro(os), causando dor, angústia e sofrimento. Está presente na família, na escola, no trabalho, na comunidade. Mas é na escola e no trabalho que o fenômeno bullying se revela, se acentua e marca de forma indelével a alma do indivíduo, aterrorizando-o e levando-o a reações desesperadas, podendo chegar até o suicídio.(Cleo Fante-2005) A cada três dias, 10 jovens homossexuais tiram a própria vida. (Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz)

De acordo com Pedro Chequer, coordenador da Unaid<sup>10</sup>, “O Brasil é o campeão de crimes contra homossexuais” (O Globo, 24 jul. 2011, p. 17). Só no último ano foram assassinados 260 homossexuais. Segundo o Grupo Gay da Bahia, em cada dois dias, no Brasil, um homossexual é assassinado. Apesar disso, ainda não se tem uma lei federal contra a homofobia, pois a PL 122/2006 que tramita no Senado já há alguns anos, não consegue aprovação devido à pressão dos senadores ligados às igrejas cristãs. Além desses dados é importante acrescentar que até maio deste ano, @ homossexual brasileiro@ não possuía 37 dos direitos dados a@ cidadã@ heterossexual, e mesmo após a decisão do Supremo Tribunal Federal de lhe conceder os mesmos direitos dos heterossexuais, alguns desses direitos dependerão da aprovação do legislativo.<sup>11</sup>

Ao verificar, na atualidade, a continuidade do preconceito e discriminação, e de uma forte reação às atuais conquistas da mulher e do homossexual, surge algumas perguntas. 1. Porque há tanta violência em relação a esses grupos? 2. Há algo em comum entre esses e outros grupos que também sofreram na história da humanidade, e ainda sofrem violência pelo preconceito e discriminação? 3. Haverá algum tipo de ação possível para transformar esta sociedade individualista, intolerante, e excludente em uma sociedade fraternal, tolerante, e incluyente?

São estas perguntas que procurarei responder, resumidamente, neste artigo, procurando colaborar para a busca de um mundo mais fraterno e justo, onde a alteridade do ‘outro’ possa ser reconhecida e respeitada.

### **Preconceito e discriminação**

O que caracteriza uma sociedade é a cultura na qual está envolvida, e a cultura ocidental foi concebida pelos padrões do cristianismo. Hoje, na sociedade ocidental não há mais aliança ‘Estado-religião’, e os países vivem em meio a uma pluralidade de religiões e valores. Entretanto, no passado isto era impensável, e a ‘religião cristã junto com o Estado’ influenciava ativamente a sociedade. Por este motivo, na contemporaneidade, mesmo se uma pessoa não for cristã ou religiosa, possuem no seu inconsciente as marcas do tempo em que havia hegemonia cristã no pensamento da sociedade.

Em quase todos os países havia uma igreja cristã como religião oficial. “A mais poderosa e mais abrangente foi a Igreja católica, mas as igrejas ortodoxa, anglicana,

---

<sup>10</sup> Programa das Nações Unidas sobre a AIDS.

<sup>11</sup> O direito de adoção, por exemplo, ainda depende de lei a ser homologada pelo Senado.

calvinista, luterana” (MELANDER, 2010, p. 4), entre outras, também foram religiões oficiais em diversos países. Entre elas destacamos as igrejas: ortodoxa, anglicana, calvinista, luterana e a Igreja católica, considerada a mais poderosa e abrangente. Por ser religião oficial, o cristianismo participou e protagonizou importantes decisões, com os discursos religiosos orientando e guiando seus fiéis, de acordo com os interesses do Estado e da religião. Dessa forma, nas decisões do ‘Estado’ onde o ‘preconceito’ esteve presente, o ‘discurso religioso’ se apresentava, legitimando as ações discriminatórias, e nas decisões religiosas, o Estado apoiava.

Por razões variadas, diversos grupos sofreram através da história e ainda sofrem ‘preconceito e discriminação’, mas alguns grupos, apesar das diferenças existentes entre eles, possuem alguns aspectos comuns, tais como: 1 - A justificativa para o preconceito e ações discriminatórias aos grupos era e ainda é feita baseada na Bíblia e na moral religiosa, chegando ao povo através, principalmente, do discurso religioso. 2 – Esses grupos foram considerados inferiores ao ‘modelo ideal’, construído, culturalmente, na sociedade ocidental.

O ‘padrão ideal’, ou o ‘paradigma’ ao qual nos referimos é: ‘homem, branco, cristão, forte, heterossexual, viril, provedor, e esteticamente perfeito’. Este modelo há séculos perpassa a sociedade ocidental, e os grupos que fogem a este padrão, ainda hoje, sofrem preconceito e ações discriminatórias que variam da violência ostensiva a pequenas ações, inclusive a dificuldade na obtenção de direitos e emancipação. Entre outros grupos, citamos: ‘a mulher e @ homossexual’.

### **A ética da alteridade**

Como acabamos de ver, tanto a ‘mulher’ como @ ‘homossexual’ estão fora do padrão ideal, da sociedade ocidental. Além deles, outros grupos que sofreram e sofrem com o preconceito e a discriminação também se encontram fora deste modelo. Entre eles, cito, @ negr@, o judeu/ a judia, @s portador@s de doenças mentais, @s portador@s de necessidades especiais, pessoas obesas, etc. Esta constatação nos leva a refletir sobre o que se encontra por trás desse preconceito.

Emmanuel Lévinas; - filósofo, judeu, que esteve prisioneiro em um campo de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial, tendo vivenciado os horrores da violência discriminatória, e se dedicado, após a guerra a escrever sobre a ‘alteridade’-; nos leva a

refletir sobre a dificuldade do ser humano em aceitar aquele@ que difere de si mesmo, e julga como inferior a si próprio.

Para nos aprofundarmos neste tema, escolhi trazer a visão teológica de Luis Carlos Susin sobre ‘alteridade’ em Lévinas. A partir daí, procurarei transpor o pensamento deste filósofo para o tema do ‘preconceito e discriminação’ da mulher, e d@ homossexual, a fim de responder às perguntas que fiz no primeiro capítulo. Ao final, vislumbro uma possibilidade de mudança na sociedade através da ‘ética da alteridade’. ‘Ética’ que, segundo Susin, está ligada a “vocação transcendental do ser humano” (SUSIN, 1984, p. 13).

### **O ‘ser’ fechado a ‘alteridade’**

O ‘ser’ quando vem ao mundo, sai de si com o objetivo de procurar sua própria felicidade. A ‘alteridade’ não   limite para ele, ao contrário, surge como oportunidade ao ‘eu’. .“No gozo o eu não se opõe   rela o, [...] usufrui, explora, consome e volta feliz a si mesmo” (SUSIN, 1984, p. 44). Para esse autor, o ‘eu’ vai ao mundo, mas como está totalmente voltado para si, procurando afirmar a sua identidade, não reconhece a alteridade, e procura sempre reduzir o outro a si mesmo, a um igual, e com este objetivo retorna para si.

Para impedir que o ‘eu’ faça essa redu o, e estabeleça rela es a fim de que seja possível haver economia<sup>12</sup>, são criadas leis de economia, ou seja, regras de media o para resguardar um ‘ser’ do ‘outro’, harmonizando os inúmeros eu’s, a fim de se realizar um intercâmbio.

Entretanto, apesar dessas regras, o ‘eu’ sempre será o fundamento e a origem de todo o processo de identifica o do ser, e permanece sem se modificar. ‘O eu’ toma todo o espaço e não d  possibilidade ao novo de se manifestar, e o outro, então,   percebido apenas para ser transformado no Mesmo, ou subjugado ao Mesmo (SUSIN, 1984, p. 91), pois o critério de sentido para qualquer experiência   o próprio ‘eu’. Um critério que permanece até mesmo através da ‘crítica’ e da ‘autocr tica’. “O ‘outro’ ao ser objeto de tematiza o já está expatriado de sua alteridade” (KUIUAVA, 2003, p. 170).

Entretanto, em alguns casos, quando o ‘eu’ tenta fazer a redu o do ‘outro para si mesmo’, não consegue. Esta frustra o pode levá-lo a ver o ‘outro’ como uma ameaça, pois está colocando em risco a afirma o da sua identidade, provocando o desejo de anular ou eliminar o ‘outro’, diferente de si mesmo.

---

<sup>12</sup> Rela o com outras pessoas, na qual se faça trocas, negocia es que sejam do interesse dos dois, beneficiem aos dois, e não só a própria pessoa.

Se refletirmos em cima das reflexões de Susin e do próprio Lévinas, poderemos perceber que, em relação ao preconceito e à discriminação contra a mulher e @ homossexual, é o que parece acontecer. Por serem grupos que diferem do padrão paradigmático ocidental, são ‘alteridades’ não reconhecidas pelo ‘eu’. Como o critério é o próprio ‘eu’ e as pessoas desejam fazer parte deste padrão, esses grupos são vistos como inferiores e suas alteridades rejeitadas. Surge, então, a tentativa de reduzi-los a si mesmos.

Pelas normas trazidas pelas mediações sociais, o ‘ser’ pode até conseguir conviver com o ‘diferente’, obedecendo normas e controlando suas ações discriminatórias. Porém, quando este se sente ameaçado pela ‘alteridade’ que não aceita no ‘outro’, ou que julga inferior aos seus padrões, pode ultrapassar as mediações e procurar anular ou excluir o diferente. No caso da mulher, com um salário menor, ou tornando-a submissa ao homem, e @ homossexual, procurando transformá-l@ em heterossexual<sup>13</sup>, ou anulando a sua homossexualidade. Quando não se consegue a dominação, a solução encontrada é eliminá-l@s. Esta poderia ser a explicação para, na atualidade, os constantes assassinatos de mulheres e homossexuais. Inclusive, os assassinatos das travestis por grupos de extermínios.

Para a psicologia social, desde o momento que no séc. XX a mulher e @ homossexual passaram a lutar pelos seus direitos, a sociedade teve que enxergá-los, o que provocou reações variadas. Uma parte considerável da sociedade encontra-se em um lento processo de aceitação. Durante este processo, aos poucos, as imagens negativas guardadas no inconsciente, devido a séculos de preconceito, vão sendo trocadas por imagens positivas que os novos conhecimentos trazem sobre estes grupos. Outra parte da sociedade, entretanto, tem uma reação contrária, podendo, quanto mais esses grupos tiverem os seus direitos reconhecidos, provocar um aumento da violência.

Para Lévinas, a transformação de abertura ao outro só pode acontecer pela ‘ética’. A subjetividade determina as relações entre as pessoas, e torna possível quebrar a totalidade do ser voltado para si mesmo através da ética. Isso acontece porque “a subjetividade é fundada na idéia do infinito” (LÉVINAS, 2008, p. 12).

A ética é fundamentalmente a relação primordial entre o Eu e o Outro aproximando dois mundos: o Mesmo e o Outro. “Uma relação caracterizada pelo movimento de transcendência que possibilita a saída do egoísmo do Mesmo em direção ao absolutamente Outro” (MIRANDA, 2008, p. 109).

---

<sup>13</sup> São tentativas para reverter @s homossexuais em heterossexuais, através do que chamam de ‘cura’.

O ‘Outro’ que vem de fora, desvela-se, e isto provoca um choque e questionamentos capazes de gerar uma transformação radical do ‘eu’ em direção ao outro.

Susin explica que quando a alteridade do ‘outro’ choca o ‘ser’, isto provoca um questionamento que pode desencadear um ‘desejo ético metafísico’. Este desejo pode levar o ‘eu’ a inverter ou converter a sua trajetória, saindo de ‘si mesmo’ para o ‘outro’. Para ele, diante de uma sociedade ocidental que; - incentiva a individualidade e a busca constante da autorealização, de um ‘ser humano’ fechado, voltado para si, e de mediações calcadas em conceitos universais e não na singularidade -; para se transformar o ‘ser’ em ‘melhor que ser’ só existe a ética, pois esta abrange o ‘ser-para-além-do-ser’.

Só a ética é capaz de juntar o relacionamento social e o religioso sem ideologia ou mito, e sem verdades universais, totalizadoras, transformando o ‘ser’ em um adulto sociável e religioso, verdadeiramente ‘humano’.

### **A reconstrução da identidade como ética**

O voltar-se para o outro é um caminho que vai na ‘contra corrente’ do ‘eu’. Há uma mudança de direção como se fosse um novo nascimento, saindo do ‘para si’ e transformando-se em ‘para o outro’. Um modo de ser que ocorre pela “consciência moral, linguagem moral, conhecimento moral, pensamento moral, diaconia, bondade e justiça, nas quais fica inteiramente convertido todo o ser anterior. Pois ser moralmente é ser justificado” (SUSIN, 1984, p. 258).

Diante do face a face, do choque ocasionado pela alteridade, o ‘ser’ pode rejeitar a alteridade, não transcendendo e continuando a ser até alguém culto, bonito, e agradável aos que são iguais a si mesmo, mas sem transcender. Isto significa permanecer com os preconceitos e os atos discriminatórios capazes de conter forte violência. Mas, se diante do ‘outro’, totalmente diferente de si, a consciência trouxer questionamentos, pode surgir o processo de inversão do ‘eu de si’ para o outro’, levando o ser a transcender, humanizando-se pelo desejo metafísico, a despertar para uma vida voltada para o ‘outro’. “Uma totalidade destotalizadora, na qual o sujeito é senhor de seu próprio existir, graças ao apelo do outro que o libera e o põe em um estado de êxodo” (MELO, 2003, p. 83). Trata-se de uma vida para a qual fomos ‘eleitos’ e ‘criados’ pelo ‘Outro<sup>14</sup>’ antes de nos tornarmos ‘ser’.

---

<sup>14</sup> O ‘Outro’, Infinito, que se refere a Deus, usarei com letra maiúscula. Quando se tratar do ‘outro’, ser humano, colocarei com letra minúscula. Entretanto, o próprio Lévinas diz existir uma ‘equivocidade’ entre os dois, cuja

Para Lévinas, o ‘outro’, o excluído, o marginalizado deve ser equiparado ao ‘pobre, ao órfão, à viúva e ao estrangeiro’. Modelos concretos de ‘alteridade’ que no Antigo Testamento Deus protege, zela e exige justiça. Para o cristão, o ‘escândalo do cristianismo’ está em Deus se colocar ao lado dessa quadríade, dando a eles prioridade, atendendo as suas necessidades, ao mesmo tempo em que o próprio Deus sofre, e marginalizado, morre numa cruz. Como traz o Novo Testamento, a quadríade bíblica representa o doente, o fraco, o discriminado, o perseguido e o escravo. Todo aquele que está no mundo, mas está perdido em relação ao mundo e a si mesmo, pois não é aceito pela sociedade, não tem cidadania. “É solitário, sem obras, sem história, sem recursos e sem economia, sem energia humana e sem bondade no ser” (SUSIN, 1984, p. 201).

Lévinas diz que a explosão ocasionada pelo ‘Outro’ que está a sua frente, diante de ‘seu rosto’, simplesmente a ‘olhar’, pode provocar no ser uma revolução, transformando-o. A subjetividade leva o ‘ser’ a descobrir ter sido eleito e assinado<sup>15</sup> pelo Infinito antes de ter se tornado ‘ser’. Isto lhe desperta uma responsabilidade, assimétrica, que aumenta, diariamente, em relação ao ‘outro. Esta responsabilidade pode levar a pessoa a viver não pensando mais em relação à sincronia do tempo<sup>16</sup>, mas para a diacronia<sup>17</sup>, experienciando a dimensão da fraternidade. Este comportamento pode se estender para as obras da paciência, como ‘expição e substituição’, levando a desejar e a agir como um ‘servo sofredor’, ‘um Subjectum universal’. Colocando-se como ‘servo’ sob o nome e autoridade de quem substitui. “Todo serviço é substitutivo e todo servo é um substituto”. (LÉVINAS, 2007, p. 378). Isto significa lutar pela justiça, por todos e para todos, partindo da ‘singularidade para a universalidade’, a fim de que seja possível haver ‘paz’ na ‘pluralidade’ e o ‘respeito’ pela ‘singularidade’ de cada pessoa.

## Conclusão

Segundo Susin, Lévinas deseja uma revolução permanente. Uma revolução que tenha como objetivo a obtenção dos valores pelos quais se luta. Onde possa haver crítica, e alternância de poder sem violência. Uma revolução na qual “o ser humano responsável por

---

diferença só consegue ser vista no reino do Bem. Esta ‘equivocidade’ aparecerá também em nosso texto, pois o Outro, Deus, Infinito, está no ‘outro’, ser humano.

<sup>15</sup> Marcado originalmente pelo Infinito antes de vir ao ser.

<sup>16</sup> Refere-se ao tempo presente.

<sup>17</sup> Passado, presente, e futuro.

todos, está, graças a esta energia transcendental, além da alternância” (SUSIN, 1984, p. 438). Uma revolução ‘singular’ e ‘responsável’ feita no ‘face a face’.

Uma revolução que nos permitirá ter uma sociedade voltada ao ‘outro’, na qual a justiça será o único grande objetivo. Onde ‘todos’ possam ser aceitos, respeitados e amados em sua singularidade, sem preconceito, discriminação, nenhum tipo de violência.

Embora Lévinas não seja cristão, é possível fazer uma aproximação da dimensão do amor que ele coloca na ‘ética da alteridade’ com o ‘amor incondicional’ que Jesus nos revela de Deus. Só a incondicionalidade do amor de Deus pode levar alguém a desejar tornar-se um messias, um *Subjectum* universal em busca de paz, de justiça, buscando incluir cada pessoa na grande família universal sem restrição de raça, gênero, etnia, orientação sexual, religião, nacionalidade, estética, etc.

Mas para se vivenciar a ‘ética’ e virmos a ter uma grande transformação na sociedade, será necessário realizar um trabalho especial. Um trabalho ‘educativo-evangelizador’ que traga possibilidades de experienciar @ ‘Outro’ totalmente diferente: o pobre, a viúva, o órfão, e o estrangeiro, que na contemporaneidade, poderão ser a mulher, e @ homossexual. Podendo-se estender @o que tem dificuldades especiais, @o deficiente, @o gord@, ao judeu/ a judia, @o muçulman@. Enfim a tod@s @s discriminad@s, @s excluíd@s, àquel@s que não têm cidadania reconhecida.

Dessa forma, através da ‘interpretação da Palavra de Deus à luz do seu amor incondicional’, a ‘ética’ poderá ser vivida, e o ‘ser’ tornar-se verdadeiramente ‘humano’. E seguindo a pedagogia de Jesus, amar incondicionalmente, com total responsabilidade e respeito, incluindo cada um como membro da grande família universal.

A partir daí então, as pessoas poderão “passar a considerar as outras como diferentes de si mesmas; elas são o *alter*, com suas cargas neurais próprias, com suas manifestações religiosas que as distinguem e também as identificam no seu DNA” (MAZZAROLO, 2011, p. 36). Afinal, “em Cristo caem todas as diferenças, visto que nele acontece uma recriação do plano original do Pai. Assim sendo, Deus não faz acepção de pessoas” (Dt 10,17). Pois, como disse Paulo: “Já não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo” (Gl 3,28).

## Referências

KUIAVA, E. **Subjetividade transcendental e alteridade**: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Lévinas. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LÉVINAS, E. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2007.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MANSO, B. **Dez mulheres são mortas por dia no Brasil**. Estadão.com.br/Brasil. Publicado em 10 jul. 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,dez-mulheres-sao-mortas-por-dia-no-pais,575974,0.htm>. Acesso em: 21 abr. 2011.

MAZZAROLO, I. **Jesus e física quântica**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.

MELANDER, V. **Gênero e ministério na Igreja sueca**. Disponível em: [www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/99.DOC](http://www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/99.DOC). Acesso em: 22 jul. 2010.

MELO, N. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MIRANDA, J. **Ética da alteridade e educação**. UFRS. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acesso em: 10 nov. 2010.

RIBEIRO, M. **SP já tem mais agressões a gays do que em 2010**. O Globo. Publicado em 24 jul. 2011.

SILVA, A.; SILVA, D.; SANTOS, I. **Por uma educação não sexista**. Rio de Janeiro: CAMTRA, 2009.

SUSIN, L. **O homem messiânico**. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. São Leopoldo: EST; Petrópolis: Vozes, 1984.